

MOVIMENTO POPULAR DE
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA
(M.P.L.A.)

Centro de Instrução
Revolucionária
(CIR)

CARTILHA DE HISTÓRIA

- I HISTÓRIA DE ÁFRICA
- II HISTÓRIA DE ANGOLA

ESBOÇO DA HISTÓRIA DE AFRICA

A PRE - HISTÓRIA

Chama-se pré-história, aos períodos longínquos em que os homens ignoravam a escritura e não nos deixaram o relato da sua vida da sua história.

Encontram-se traços da sua presença, quer pesquisando o solo para aí descobrir esqueletos e utensílios, quer observando os desenhos deixados nas grutas que lhes serviam de habitação. Em África, numerosos esqueletos e objectos pré-históricos foram descobertos em diversos lugares. Isto significa, que o continente africano era habitado há bastante tempo.

A pré-história divide-se em três períodos:

Período da pedra lascada

Período da pedra polida

Período dos metais (cobre, bronze e ferro)

No primeiro período, os homens utilizam como utensílio pedras talhadas. Os homens deste período foram sobretudo caçadores, vestiam-se com peles de animais, viviam em grutas e conheciam já o fogo.

Num segundo período, as armas e os utensílios de pedra foram polidos. Os homens começaram a cultivar a terra, domesticar os animais, e fazer obras de olaria e tecelagem. Os ossos são também trabalhados para fazer anzóis, agulhas, etc.

Datam desta altura as pinturas feitas nos rochedos do deserto de Sahara (5000A.C.) e que mostram que uma grande parte do deserto actual era nessa altura povoada e fértil.

Num terceiro período, os homens descobrem o uso do metal e trabalham os metais fazendo assim objectos cada vez mais aperfeiçoados. O uso do metal começou tardiamente em muitos povos africanos, enquanto outros (Egipto, Cartago, Ethiopia) estavam já em pleno período histórico.

Durante os tempos pré-históricos houve grandes modificações de clima: nos períodos de chuva sucederam-se as secas. Durante as chuvas, os desertos actuais estavam cobertos de pastagens, a floresta equatorial era mais vasta que a dos nossos dias.

Durante as secas o deserto do Sahara estendia-se mais ao Sul.

HISTÓRIA DE ÁFRICA

Para comodidade de estudo dividiremos a história de África em 5 períodos:

- 1 - Antiguidade 4000 AC a 640 DC (Invasão Árabe)
- 2 - ~~Grandes impérios africanos~~ 790 a 1591 (fim do império Songhai)
- 3 - Exploração de África 1434 a 1884 (conferência de Berlim)
- 4 - Divisão da África em colónias 1884 a 1945 (2. guerra mundial)
- 5 - Nacionalismo organizado 1944 até hoje

Grupos fundamentais dos povos de África

Antes de começar propriamente o estudo da África interessa conhecer a origem étnica dos povos africanos a sua divisão em grupos e a sua repartição geográfica bem como os diferentes movimentos no decurso da sua história. Só assim nos poderemos aperceber dos factores decisivos da nascença das nações do seu desenvolvimento social e económico, e das analogias e diferenças no domínio da cultura e das línguas.

A grande maioria dos povos vivendo no continente africano pertencem a três grandes famílias.

Os povos falando as línguas Sudanezas, — cuja localização seria uma cintura situada entre o Sahara e o Equador, com o limite ao norte estendendo-se desde a foz do rio Senegal até Karthoum e Kassala, e o limite sul estendendo-se desde Guiné até a fronteira etíope-ethiopiãna.

2 A região da África situada ao sul do Sudão, habitada por povos falando as línguas bantus.

3- A região da África situada a norte e a este do Sudão (quer dizer ao norte os países mediterrânicos e a este a Ethiopia, a Eritreia, a Somalí.

lia e uma parte do Kénia), habitada por povos falando as línguas demitas e hamitas.

Além destes três grupos fundamentais, há ainda outros três mais pequenos, a saber:

1-as tribus khoi-khoi e saans, que vivem no canto sudoeste do continente.

2-o grupo das tribus pigmeias, dispersas nas florestas da Africa Central.

3-as tribus da ilha de Madagascar, falando o indonesiano.

POVOS SUDANESES

Estes povos estão aparentados pela sua língua, pela cultura e a grande maioria também pela origem, embora existam entre eles povos de outras origens (os Peuhis de origem berbera). Os povos sudaneses eram povos agrícolas, sedentários quer dizer, que permaneciam continuamente num mesmo território.

Desde a antiguidade, estes povos foram objecto de incursões e campanhas de conquista da parte de povos pastores nómades (Hamitas), que viviam ao norte do Sudão, e mais tarde de tribus árabes.

Assim se formaram os grandes estados do Sudão ocidental, tais como Ghana, o Songhai e Mellé. Da mesma maneira se formaram no Sudão Central os estados de Kanem, Darfu, Burnu, Baguirmie e Uadai.

As migrações dos povos sudaneses deram-se principalmente em 4 direcções:

1 - para o oeste, em direcção das bacias do Senegal e da Gâmbia

2 - para o Sul, em direcção do litoral do golfo da Guiné.

3 - para o sudoeste, em direcção de Adamua, na região situada entre os rios Congo e Nilo.

4 - para este, em direcção da Ethiopia.

2 - POVOS BANTUS

Todos os povos da parte meridional da África, com excepção de algumas tribus do grupo Koi-saan, pertencem ao grupo bantu. Cada um destes povos, fala uma língua que é a ramificação ou o idioma duma mesma língua fundamental. Não obstante estarem divididos em diferentes grupos histórico-geográficos, cada um dos quais adquiriu diferenças no domínio da estrutura política e da organização social, todos os povos bantus têm uma base comum. Os bantus são originários da África equato-oriental, da região dos grandes lagos a partir donde se dirigiram para as outras partes da África.

No decurso de vários séculos, a África oriental foi testemunha das lutas travadas entre os seguintes itinerários:

1 - Algumas tribus, em consequência dos contactos seculares com os Hamitas, submeteram-se e misturaram-se.

2 - Outras tribus, ao preço de guerras contínuas, não cederam a influência dos Hamitas e, continuaram no seu território ou o que sucede mais frequentemente deixaram os seus territórios primitivos,

3 - Outros não só deixaram os seus territórios de origem, como no decurso de migrações sucessivas ultrapassaram os limites da África oriental.

Assim aparecem três grupos de povos bantus orientais, meridionais e ocidentais.

3 - POVOS HAMITO-SEMITICOS

O grupo principal do N. e do N. da África é constituído por povos hamitas e por semitas.

Pela língua, os Hamitas dividem-se em hamitas do norte e do este. Entre os do norte distinguem-se os Berberes, sedentários (Marrocos, Argélia) e os Tuaregues, nómadas do Sahara ocidental.

Na família dos Hamitas do este, distinguem-se dois grupos: as tribus Kuchite e Hamito-senita. Dos Hamitas do este, saíram os Egípcios, cuja civilização floresceu milhares de anos antes da nossa era, e os Ethiopianos.

4 - POVOS KHOI-KHOI E SAAN(Hotentotes e Bosquinanos)

Existem várias teorias sobre a origem destes povos. Assim, segundo uma das hipóteses, os Saans teriam sido os primeiros habitantes de Africa. Há quem diga também que eles resultaram do cruzamento dos Pigneus com os Hamitas. No que respeita aos Saans, acredita-se que eles tenham resultado do cruzamento dos Saans e dos Hamitas.

5 - POVOS PIGMEUS

Os Pigneus constituíam grupos de caçadores primitivos, vivendo nas regiões da Africa equatorial, na zona situada entre 6 de latitude N. e 6 de latitude S., assim como algumas regiões de Angola misturados aos grupos bantus. A origem étnica destes povos não está ainda cientificamente esclarecida. Vivem sobretudo da caça, trocando-a com produtos agrícolas.

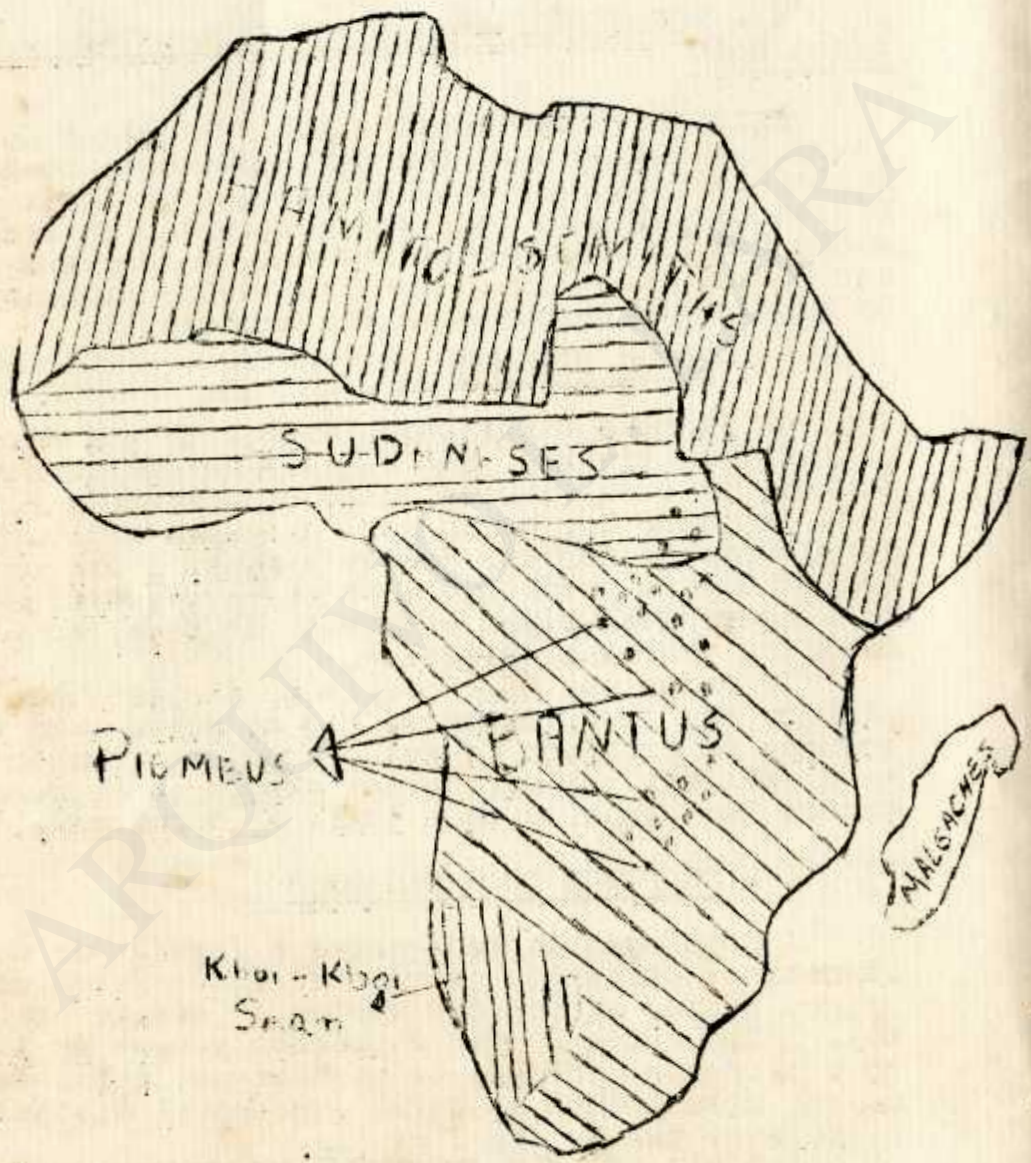
Os dados que hoje a ciência dispõe sobre os pigneus são insuficientes, não só sobre para a solução do problema da sua origem, mas também para distinguir nos diferentes grupos os representantes dum grupo ou duma étnia de terminada.

6 - OS POVOS DE MADAGASCAR

A população de Madagascar é formada de dois elementos: tribus de origem malcaia e tribus de origem bantu, vindas das costas da Africa oriental. Entre estes 2 grupos desenvolveu-se um longo e profundo processo de mestiçagem, de tal forma que actualmente se torna impossível distinguir os representantes dos 2 grupos.

Até hoje não foi possível determinar qual dos dois grupos chegou primeiro a ilha.

DISTRIBUICÃO DOS GRUPOS ÉTNICOS



Depois de termos visto, em resumo, os grupos étnicos, passemos ao estudo da História, segundo a divisão atrás mencionada.

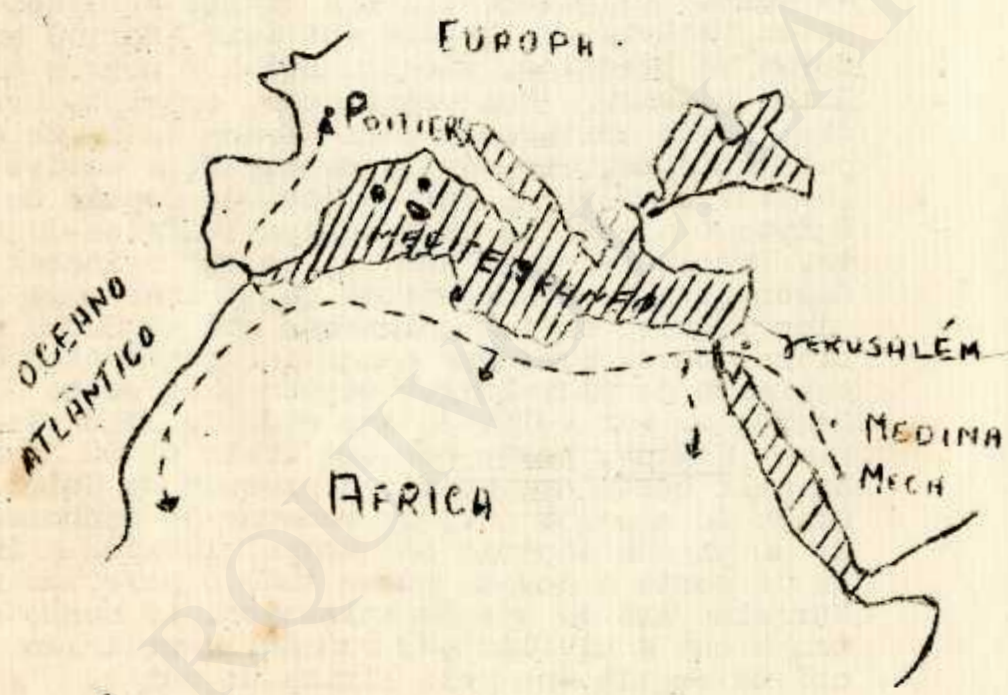
ANTIGUIDADE

Como dissemos, o período da antiguidade estende-se do ano 4000 AC, a 640 DC. data da invasão arabe. O país africano de que se conhece melhor a história é do Egipto. Os Egípcios deixaram numerosos monumentos que nos dão a conhecer a sua civilização. Era um povo muito religioso, com uma grande veneração pelos mortos. Os túmulos dos reis (faraó) em forma de piramide, ficaram até aos nossos dias. Reino potente e bem organizado, o Egipto estendia, a sua influencia pela Africa do norte e pela Etiópia, através de um comércio activo (escravos, marfim, ouro e ébano). Depois do Egipto é a Tunísia quem domina a Africa do norte. Excelentes navegadores, os cartagineses desenvolvem o seu comércio com países mais longinquos; enviam caravanas até ao Sudão e trazem ouro, escravos e marfim. Atravessam o estreito de Gibraltar, e seguem pela costa do Marrocos. Por volta do ano 450 AC., os cartagineses HANNON, parte com uma frota de 60 navios pela costa atlantica, a procura da Guiné. Cerca do ano 150 AC., os romanos já senhores de um grande império na Europa, invadem a Africa do norte e ocupam quase todo o país, do mar Vermelho até ao oceano atlantico. Ao mesmo tempo que a civilização romana, a religião cristã espalha-se pela Africa do norte.

A invasão arabe, para a progressão do cristianismo. Na parte norte da Etiópia, existia, vários séculos antes da nossa era, um estado denominado "AXUM", que estando sobre o domínio de governantes etíopios, não deixava porém de sofrer a influencia arabe. Durante vários séculos, o estado de Axum e o seu ponto de Aduna foram o centro de comercio mais importantes da Africa oriental participando ao tráfico de trânsito entre o Egipto, a Grécia, e a Síria, por um lado, e as Índias.

CONQUISTADORES ÁRABES EM ÁFRICA

0



OS COQUISTADORES ARABES EM AFRICA

Em 640 DC., os Arabes, vindos da Asia, invadem o norte de Africa. Em 70 anos eles ocupam todo até a costa atlantica.

Os arabes são de religião islamica. O fundador da religião islamica foi Maomé, nascido na Arabia. Depois de contactos com os judeus e os católicos, Maomé funda uma religião nova da qual viria a ser profeta. Os seus ensinamentos foram recolhidos pelos seus discipulos num livro, chamado Corão livro sagrado dos muçulmanos. Depois da morte de Maomé, os arabes procederam a grandes conquistas na Asia, depois na Africa do norte e também na Europa. A religião arabe espalhou-se pelo ocidente africano, Tchad e costa este da Africa, por intermédio dos viajantes arabes e sobretudo graças a conversão dos chefes de tribus e de impérios. Os progressos da influencia arabe na Africa tiveram como consequencia principal o desenvolvimento da escravatura.

2º PERIODO:

Os grandes impérios africanos

GHANA

Calcula-se que existindo provavelmente desde o sec. III, o império do GHANASE estendia entre o Senegal e o Niger. Cerca do ano 1000, Kumbi, a capital, era uma grande cidade onde se encontrava o palácio do imperador cercado das cubatas dos habitantes. Num bairro da cidade residiam os comerciantes muçulmanos. Próximo da cidade os bosques sagrados abrigavam os guardas dos idolos e dos túmulos dos reis. O império de Ghana era um império rico, graças ás suas minas de ouro. Caravanas traziam de Marrocos tecidos, sal, contas e levavam ouro, marfim e escravos.

Em 1706, os conquistadores arabes conquistam o GHANA, que recobra a sua independência 10 anos mais tarde mas nunca a sua potencia antiga. Este império cai completamente, cercado ano 1240, debaixo dos ataques de SUN-DIATA KEITA, imperador do Mali.

MALI -

Reino antigo, o Mali atingiu sua grandez-
za sob os reinados dos imperadores ^{da SUNDIATA KEITA}
SUNDIATA KEITA e MUSSA. Estendia-se então até as regiões do
alto Senegal até ao alto e medio Niger.

Sundiata Keita depois de ter batido e mor-
to o rei de SOSSO, atacou o Ghana e destruiu a
capital. Fundou a capital do Mali, e foi duran-
te o seu reinado que a agricultura e a tecelagem
do algodão se desenvolveram extraordinariamente.
Morreu em 1225, afogado no Sankari. No sec. XIV,
Kankan Mussa, reinou no Mali durante 25 anos.
Ficou célebre na história pela sua peregrinação
a Meca onde espantou meio mundo pela sua rique-
za e generosidade.

Rodeado de architectos e de poetas arabes,
fez construir palácios e mesquitas. Os sucessor-
es de Kankan Mussa não conseguiram manter o po-
dério do império e deixaram-no progressivamente
cair até a desapareção completa no ano 1500.

SONGHAI 1

Tinha por capital GAO e foi sobretudo ilus-
tre durante os reinados de SUNNI-ALI e ASKIA
MOHAMMED, no sec. XV. Os poderosos reinos de
Ghana e de Melle eram seus tributários. A uma
determinada altura da sua história chegou nes-
mo a submeter o império do Mali.

Em 1591, como consequência duma longa guer-
ra contra o sultão do Marrocos, Songhai tombou
sob o domínio deste último, tornando-se tributá-
rio.

REINOS DE MOSSI, UGADU, YATENGA e GURMA

Graças a sua excelente organização, consegui-
ram resistir aos seus vizinhos e manter a sua in-
dependencia ao longo dos séculos.

REINOS DO TCHAD E DA COSTA LITORAL

DAOMÉ Estava situada, perto do litoral, junto da Costa do Ouro. Originou-se no século XVII, fundado pela tribo "Fan" do grupo BOUE, sob o comando do seu chefe TAKUDONU que foi também o seu primeiro rei (1625-1650). Os reis do Daomé dedicavam-se ao tráfico de escravos com os povos vizinhos. No começo do séc. XVIII, sob o reinado de Goudja Troude (1708-1730), os daomeanos começaram a conquistar os reinos do litoral. Em 1784, se encontram ainda Badagari onde actualmente se encontra Cotonou. O rei no Daomé tinha o monopólio do commercio externo, o direito de casar com as filhas dos subditos; os rapazes desde a tenra idade eram separados das suas famílias afim de evitar que as ligações familiares constituíssem um obstáculo na sua educação no espirito de fidelidade ao Rei. O filho mais velho do rei era o sucessor ao trono. Entre a morte do rei e a intronização, havia um longo periodo intermediario, no decurso do qual os crimes eram impunes, pois segundo os daomeanos, não podia haver justiça sem rei, fonte de ordem e igualdade.

Reino de Efenin

Teve a sua origem no sec. XII. Era governado por um rei absoluto. Ao longo dos seculos as artes desenvolveram-se extraordinariamente; fabricavam-se estatuetas, objectos de bronze, esculturas de barro, madeira e marfim, olaria.

Reinos do Tchad

Reino de Bornu --- Depois da sua formação em tanto que estado homogéneo, nos fins do sec. XV, o seu poderio aumentou continuamente durante um seculo. Depois de ter repellido as tribus Bulalas em 1500, os soberanos, de Bornu deram inicio a grandes campanhas de conquista que foram coroadas de successo. Graças a importação de armas de fogo o Bornu era ao fim do sec. XVI, o estado mais poderoso do ponto de vista militar do Sudão. A primeira metade do sec. XVII foi para

Burnu um período de expansão pacífica, mas a partir do meio séc. XVII, durante o reinado do sultão Ali-Ben-el-Hadi-Omar, sofreu um período de fortes perturbações. Além das numerosas guerras conduzidas contra os Tuaregues o reinado do sultão foi marcado por três acontecimentos que jogaram um papel importante na sorte ulterior do país a saber:

- a) as peregrinações do sultão a Meca em 1648, 1656, 1667
- b) numerosas revoltas de diversos povos do país
- c) a fome, que se tornou um flagelo constante durante o seu reinado.

Na segunda metade do séc. XVIII, o sultão Ali-Ben-el-Hadj-Dounan (1755-1793) conduziu várias campanhas militares, durante as quais as suas tropas foram completamente batidas. Assim Burnu perdeu toda a sua antiga potencia, no fim do séc. XVIII, o país tornou-se uma presa fácil para qualquer conquistador mais ou menos forte.

REINO DE BAGUIRMI

Habitado por raças diferentes (Masso, Peuls, Sara) o reino de Baguirmi foi fundado no Birni-bes (1522-1530), detroçou os Bulalar, conquistou os pequenos estados da região e, unindo as tribus nomadas locais, formou um unico estado. O soberano de Baguirmi Malo (1548-1568), foi destronado pelo seu irmão Abd-Alhah (1568-1608), convertido ao islamismo.

O país atingiu o seu apogeu no reinado do sultão Mohamed-el-Hamiro (1751-1785), que pelas suas campanhas militares expandiu as suas fronteiras norte e sudeste. O sultão de Baguirmi governava como senhor absoluto, ajuda do pelo governadores de provincia e chefes de exercito.

REINO DE UADAI

Foi governado por chefes de origem paiena até ao séc. XVII, mais dirigido pelo arabe Mohamed Abdel-el-Kerin, se revoltaram. A independência relativa, conquistada por esta revolta foi

concretizada quando em 1707, o sultão Jaku Arus se recusou a pagar o tributo, e conduzindo uma campanha contra os seus inimigos conseguiu derrotá-los completamente.

Em 1747-1795, o sultão de Ouadai, Djod, de seus inimigos começou, por seu turno, uma campanha de conquistas, tendo conseguido ocupar a parte este do reino de Burnu.

REINO DE DARFUR

Tal como um Uadai, Darfur era governado por tribus paiens. No séc. XVI, uma revolta conduzida por Delil Bahah, terminou com êxito e foi fundada uma nova dinastia. Sob o reinado de Soliman Solon (1596-1635), convertido ao islamismo, Darfur conseguiu um grande poderio militar, tendo a este conquistado Sennar e Kordofane e a oeste uma parte de Uadai.

REINOS DA COSTA ORIENTAL

MONOMOTAPA ---

Situado no actual território da Rodésia do Sul o reino de Monomotapa foi fundado por tribus de bantus meridionais, dos quais a principal era a tribo nakalanga. No meio do séc. passado descobriu-se em Zimbabue um conjunto de ruínas bastante bem conservadas; estas ruínas são formadas de enormes muros e torres de pedra talhadas não arredadas. Os muros atingem, em certas locais 9 metros de espessura e 4 metros de largura. Num vale vizinho, existem as ruínas de numerosas habitações de pedra. Nestas ruínas e nas redondezas, foram encontrados objectos em ouro, esculturas e vasos de pedra, armas, pérolas, olaria. As minas de Zimbabue, não são entretanto as únicas descobertas na Affrica do Sul, existindo construções idênticas na zona sul de Angola.

O reino de Monomotapa que se estendia até a foz do rio Zambeze, esteve em relações com os traficantes arabes e hindus, estabelecidos na costa. Os portugueses chegados a Affrica, estabeleceram relações com o Monomotapa.

Depois de estender a sua influencia para o interior e, provavelmente até Angola, o império de Monomotapa, desapareceu no decurso do séc. XVII.

REINO DE WAKUMA

Povo de pastores nomadas, Wakuma e Wachinda de origem hamita, invadiram o território bantu na zona do lago Vitória, e submetteram as tribus bantus sedentarias, agrupando-as sobre o seu poder em federações tribais. Os conquistadores tornaram-se sedentarios, misturaram-se as tribus conquistadas e adoptaram a sua lingua.

REINOS DA AFRICA CENTRAL

Reino de Anzico - A existencia do reino de ANZICO (Bateke) era conhecida desde o sec. XVI. Os limites do reino eram ao N. o rio Alina, a este o rio Congo, a oeste o alto Ogocué. A sudoeste estendia-se até à margem esquerda do Congo. O reino de Anzico era governado pelo Makoko, e tinha capital em Monsal (actual Mbe). O Makoko tinha sob a sua dependencia 12 chefes.

Em meados do sec. XVII, os Basundi, do reino do Congo, atravessam o rio e instalam-se na margem esquerda do rio. Aqui ganharão pouco a pouco terreno, e quando os franceses seguem a Stanley-Pool, o limite sul do reino seria o Djoue. Em meados do sec. XVIII, as tribus do grupo Mbochi, vindas do pais Mgongo (actual Joquihatville) atravessam o Congo e tentam instalar-se em Anzico, mas são desbaratados. Os habitantes de Anzico eram conhecidos pela sua habilidade na utilização do arco e da flecha.

As relações comerciais do Anzico com o Congo eram activas: Os anzicos vendiam marfim e madeiras em troca de sal, panos, e vidraria. A região de Minduli, o cobre era explorado e trabalhado em barras, braceletes e colares, ou servindo então de moeda retroca.

No sec. XVIII, no momento em que os reinos do Congo e de Loango perdiam todo o seu antigo poderio, Anzico possuia ainda uma organização forte, que se mantve até a chegada dos franceses, no fim do sec. XIX.

REINO BAKUBA OU BACHONGO

Este reino ocupava a região situada entre os rios Sankuru e Lulua. As tribus Bakuba que habitavam este território, estavam divididas em tribus mais pequenas, das quais a mais importante era a tribu Bambala. Eram povos de tradições ricas, tradições essas que tiveram início no séc. VI data da fundação do reino.

O primeiro soberano dos Bakuba foi Bunba. Um dos sucessores WOTA (815) introduz a circuncisão. MINGA BENGALA (780), teria começado a fazer a extracção do sal e a cultura do milho. A invenção do fogo por fricção e as vestimentas de pelos de animais datariam do reinado Mutchu Mutchango (950). Os tecidos de rafia, o tabaco, a escultura em madeira espalham-se graças a Chanba Bolongonga (1625).

Sob o reinado de Bomboch(1680), são introduzida a cultura e preparação da mandioca. O último rei dos Bakuba, Kuate Pechanga Kena, depois de algumas tentativas de resistência e obrigado a submeter-se aos conquistadores belgas.

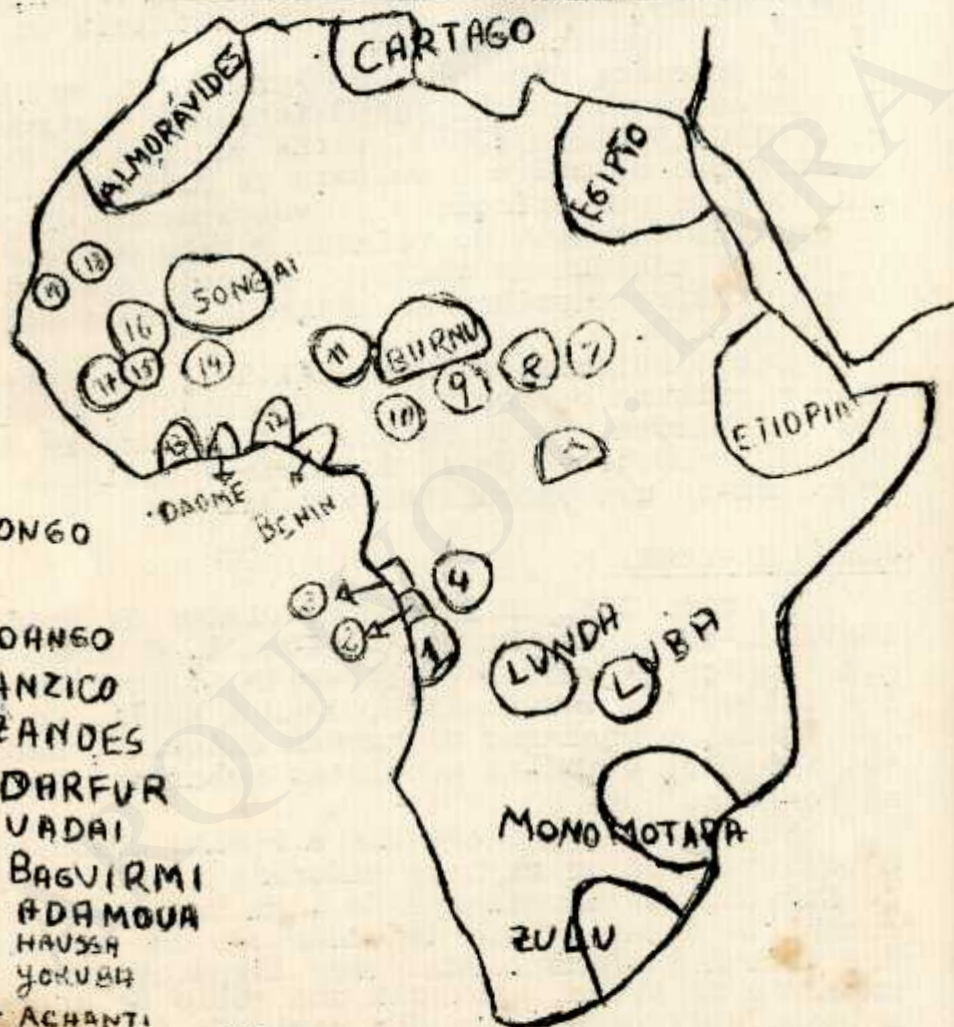
REINO BA-LUBA

No séc. XII, os Ba-Songe, vindos de Maniana, instalam-se na região sul de Lonani. O chefe Kongolo começa organizar esta região já povoada pelas tribus Baluba. Em 1585, Ilunga Mbili, de origem Lunda, comandando um grande exército, mata o rei Kongolo, e faz-se proclamar soberano do reino Ba-Luba.

Kurvinbu Ngombe estende o reino pelas suas conquistas até as regiões situadas a este e oeste de Luluba, até as margens do lago Tanganyka e consolida o seu estado defendendo-o dos ataques das tribus Ba-Bemba. Numerosas disputas para a sucessão ao trono, provocam uma série de assassinatos e enfraquecem o poder real. No fim do séc. XIX aproveitando-se deste enfraquecimento, tribus TCHOKWE, devastam o reino. A chegada dos belgas, o rei Kasongo Niembo entra em luta contra o seu irmão Kabongo, tendo este último fundado o seu estado independente.

Os belgas dividem todo o reino, e a autoridade do rei desaparece progressivamente.

REINOS DE AFRICA



1- CONGO

2-

3- LOANCO

4- ANZICO

5- ZANDES

7- DARFUR

8- VADAI

9- BAGVIRMI

10- ADAMOUA

11- HAUSSA

12- YORUBA

13- ACHANTI

14- MOSSI

15- SOSSO

16- GHANA

17- MALI

18- AUDAGHOST

19- TEKKUR

ELEMENTOS COMUNS DAS CIVILIZAÇÕES DA ÁFRICA EQUATORIAL E CENTRAL

Estudando estas civilizações encontransse certos números de elementos comuns:

1-Várias regiões da África equatorial e central, foram durante bastante tempo, organizadas em reinos, com um poder central disfrutando duma autoridade forte.

2-vida e a morte do rei eram reguladas por usos e ritos estritos; não se podia vê-lo comer nem beber, em geral ele vivia fechado, etc.

Sua morte era guardada em segredo durante algum tempo; certas partes do corpo eram guardadas e veneradas; o seu enterro era a maior parte das vezes, acompanhado de sacrifícios humanos.

3- A mãe e a irmã do rei., tinham na corte uma situação privilegiada e as suas opiniões eram escutadas. Algumas das civilizações são de tradição patriarcal, quer dizer que o clã das mulheres estava na base da família. A autoridade do lar e o seu sustento material estavam a cargo do marido, mas os filhos pertenciam mais ao clã da mãe (representado pelo irmão, tio materno), que do lar. Frequentemente, os rapazes atingida uma certa idade, iam viver em casa do tio materno que o tratava como seu filho até a data do casamento.

4- As populações criam num Deus, criador do mundo e senhor do céu, sem contudo o venerarem. A esta crença em deus acrescenta-se a crença nas forças vitais presentes nos seres e nas coisas, almas de antepassados, espíritos de família ou de clã, potências da natureza. Arranja-se o favor destas forças e protege-se delas por ritos que são presididos pelo chefe de família ou de clã ou então, o feiticeiro.

5- As populações são agrícolas. O homem desbrava o terreno que a mulher cultiva em seguida. As plantações são reduzidas, e fazem-se poucas reservas pois a colheita é abundante e regular. As principais culturas são: banana, arachide, mandioca e alguns tubérculos.

6- As principais actividades artisticas são a música, a dança, a escultura (mascaras e

Os instrumentos de música são o tan-tan, e diversos instrumentos a base de laminas de ferro ou a cordas.

3 Periodo: EXPLORAÇÃO DA AFRICA

Este terceiro periodo da História de Africa compreende o inicio das chamadas "descobertas", a exploração da Africa, o comércio de escravos, até a conferencia de Berlim (1884), data da partilha da Africa em colonias, pelos países imperialistas.

Despertar do interesse em relação a Africa, na Europa meridional

A partir do séc. XII, o interesse em relação a Africa começou a manifestar-se na Europa. BEJAMIN TUDELSKI, percorreu o Mar Vermelho, visitou a Etiopia, e voltou ao Cairo, através do Nilo. Durante o séc. XIII, o italiano MARCO POLO, visitou as ilhas de Madagascar, e Zanzibar. Entretanto os primeiros reconhecimentos sérios datam do séc. XV e pertencem aos portugueses.

AS descobertas dos portugueses

Os portugueses iniciaram o periodo das suas descobertas em 1441 data em que António GONÇALVES e NUNO trístão, dobram o cabo branco e chegam ao rio do Ouro. Em 1445, João Fernandes efectuou uma viagem ao deserto do Sahara. Depois destas, e durante mais século as viagens seguiram-se umas a atrás das outras.

A razão principal que levou os portugueses a empreender tais viagens foram, encontrar novas fontes de ouro e depois descobrir uma nova via marítima mais cómoda para chegar a Índia. No inicio, o comércio português desenvolvia-se em regime privado, beneficiando do apoio moral do estado português. Mais tarde, as explorações foram consideradas como negócio de estado e foram organizadas por este último.

Além de proteger o comércio de ouro, foram construídas fortalezas. Em 1482, paralelamente ao comércio de ouro começou também a desenvolver-se o comércio de escravos. Daqui para diante as expedições de caça aos escravos passaram a ter um carácter sistemático, e a partir do séc.XV, tornam-se proporções importantes, o que para os povos africanos, terá, como veremos, a consequência grave.

Início do comércio de escravos

Como dissemos os portugueses começaram, no séc.XV, embora numa escala pouco importante o comércio de escravos, capturando os africanos e levando-os para Portugal. Com a descoberta da América e a criação de plantações neste continente, engendra-se uma grande procura de "mercadoria humana" africana. O comércio de escravos, ocupação ocasional de comerciantes de ouro e especiarias, e de aventureiros e piratas, tornou-se o motor essencial de toda a actividade colonial em África.

Assim a passagem do séc.XV ao séc.XVI marca a passagem das descobertas a época da exterminação de dezenas e de centenas de milhares de Africanos.

Significado da escravatura

Desde o início do séc.XVI o comércio de escravos foi e continuou durante toda a época da acumulação primitiva de capital, quer no decurso de três séculos, o factor essencial determinante de toda a história de África. O comércio de escravos determinou a história, não só dos povos que durante este período tiveram relações com os comerciantes de escravos, como também daqueles que, instalados no interior do continente não tiveram até ao fim do século XVIII, relações com os intrusos europeus, sofrendo no entretanto as consequências nefastas deste período como por exemplo as migrações forçadas, e a ruptura de relações comerciais com os outros povos.

Três fases do comércio de escravos

Pode-se dividir o comércio de escravos em três fases:

A 1ª é a do comércio praticado pelos piratas aventureiros que de lá se ocuparam dos seus respectivos países se interessassem. Foi sob esta forma que começou o comércio de escravos, no séc. XV.

A partir de 1580, começa a 2ª fase, com o aparecimento de companhias monopolizando o comércio. Esta é a época do apogeu do comércio de escravos. Aos métodos primitivos dos piratas, sucede um sistema de banditismo organizado operando com a ajuda de exércitos regulares.

É assim que a cabeça de escravos era comprada em África e vendida na América por um preço 10 vezes superior. Em 1689, foi introduzida a "liberdade" do comércio de escravos para todos os indivíduos. Assim começa uma renhida concorrência entre as companhias e os comerciantes privados. Este é o 3º período do comércio de escravos.

Os primeiros sintomas da regressão do comércio de escravos aparecem na segunda metade do séc. XVIII, com a revolução Francesa e o rápido desenvolvimento do capitalismo americano.

Caracter da actividade colonial dos Europeus

Durante este período (comércio de escravos) os europeus nunca se preocuparam em organizar a produção na base da exploração da mão de obra africana. Eles não se preocuparam senão com a ocupação e a acumulação, fazendo sair de África mão de obra e matérias-primas.

O "comércio africano" dos séculos XV a XVIII tinha o carácter de pilhagem directa e indirecta. Os comerciantes europeus apropriavam-se quer por roubo directo, quer por "trocas", das grandes riquezas, que se encontravam nos países africanos. Durante este período, a expansão para o interior do continente africano era ainda muito fraca. Os colonizadores europeus não procuravam senão fixar-se no litoral, a fim de aí organizar a pilhagem das massas africanas vivendo no interior do continente.

Na segunda metade do séc. XVIII, os resultados da revolução industrial na Inglaterra e uma série de países (França e América), fazem-se sentir nas colónias africanas.

As primeiras indicações de mudança de política em África começam a aparecer, mas só se desenvolvem no período seguinte, isto é, depois da Revolução Francesa. A burguesia capitalista, começa a interessar-se por África não só como fonte de ouro e de escravos, mas também como fonte de matérias primas industriais, produtos agrícolas e, de mercado de escoamento para os produtos industriais, europeus.

Assim começa uma expansão lenta e sistemática em direcção ao interior. Todas estas modificações, e sobretudo as tentativas de expansão para o interior, multiplicam e reforçam a luta intestina das potências europeias.

As potências ocidentais tais como Portugal, Espanha e Holanda, são relegadas para 2º plano, enquanto os países avançados como a França e a Inglaterra, passam a ocupar o primeiro plano no comércio com a África.

Consequencia dos contactos entre os ocupantes e os Africanos

No decurso de três anos de comércio de escravos os europeus atingiram todo ou pelo menos quase todo o litoral este, sul e sudoeste de África sem contudo terem penetrado até ao interior do continente.

Não só eles não ocupavam estas regiões, como ignoravam completamente as suas riquezas e os povos que as habitavam. A missão de "descobrir", explorar e por estas riquezas ao serviço do capital mundial cabe a nova classe: a burguesia industrial.

O comércio de escravos teve consequências trágicas para os povos africanos. Isto é válido não só para aqueles povos que tiveram relações directas com os invasores, mas também para os povos do interior que até ao séc. XVIII não tiveram contactos com os ocupantes.

A época do comércio de escravos significou para uns a extermínio, para outros a expulsão dos seus próprios territórios, para todos a perda dos seus melhores filhos e filhas, a degradação da sua economia, e o atraso do desenvolvimento das suas forças produtivas. Milhões e milhões de escravos foram exportados para as plantações da América; a maior parte deles prêm morria durante a viagem, devido ad condições sub-humanas dos transportes, e os restantes não sobreviviam as condições do trabalho forçado. São dadas várias cifras quanto ao montante de escravos exportados; segundo WILLIAM DU BOIS, cerca de uma centena de milhões de escravos foã exportada para as Américas. Não se conhece um número certo, mas em todo o caso, as cifras elevar-se-iam para muitas dezenas de milhões.

O contacto com os europeus, fez crescer sensivelmente a produção de matérias necessárias aos piratas capitalista, mas este aumento de produçãb não provocou nenhum progresso económico, nenhuma elevação do bem-estar das populações africanas.

Por outro lado, três séculos de sofrimento contínuo e de luta defensiva contra os ocupantes estrangeiras desenvolveu nas tribus do litoral da África, não só o espirito combativo como também inexperiência e as trações de luta. A multiplicação das tentativas de ocupação no fim deste período fizeram crescer a indignação e o ódio dos povos africanos e reforçaram os seus movimentos de resistência.

CONFERENCIA DE BERLIM E A DIVISÃO DA AFRICA ENTRE POTENCIAS IMPERIALISTAS

A partir de 1870 e mais particularmente de 1880, o capitalismo europeu, na sua fase de transição a imperialismo, começou a ocupação efectiva de todo o território. A expansão colonial desenvolveu-se numa luta sem tréguas entre as potencias rivais que a resistência dos povos africanos tornava ainda mais complexa. A partir de agora os países capitalistas europeus tornam-se os organizadores activos da luta sistemática conduzida

para a ocupação do máximo de regiões coloniais e para a sua monopolização, em vista da criação de impérios coloniais.

A CONFERENCIA DE BERLIM

A conferencia de Berlin foi convocada, pela forma, sob a iniciativa de Portugal, nas efectivamente sob a da Alemanha. A maioria das potencias europeias participaram, assim como os E.U.A. A conferencia durou de 15 de Novembro de 1884 a 26 de Fevereiro de 1885. Elaborou-se e adoptou-se um acordo internacional a respeito da Africa central, a chamada convenção de Berlin.

Por esta convenção, a parte da bacia do Congo, ocupada por Leopoldo foi proclamada estado independente, tendo Léopoldo como chefe, quer dizer que este território tornou-se propriedade pessoal de Leopoldo, enquanto que o direito de comércio livre era reconhecido a todas as potencias, sobre toda a bacia do Congo.

A França não tomou parte na Conferência, senão depois de se ter posto de acordo com a associação de todo este território, em caso de ele ser posto a venda. A Convenção de Berlin não foi assinada pela França, senão apos a conclusão entre ela e a associação, dum acordo sobre o reconhecimento por esta última das pretensões territoriais da França sobre toda a região situada a oeste do rio Congo (Gabão e Médio-Congo).

Mas decidiu-se também que:

- 1- Cada país devia advertir os outros das suas conquistas,
- 2- A partir das suas possessões, na cada país podia penetrar no interior, até que encontrasse um outro estado,
- 3- Cada país deveria estabelecer nas colonias uma autoridade suficiente,
- 4- Para esta partilha a Africa não foi consultada. As novas fronteiras demarcadas pelos

países imperialistas, seguiu raramente as divisões entre reinos, tribus ou linguas, o que teve como consequencia, o de mantelamento da organização politico-social dos diferentes estados ou tribus.

A ocupação imperialista e a resistencia africana.

No momento em que a Europa começa a conquista e a divisao da Africa, ela encontra pela frente estados insufficientemente organizados para lhes resistirem. As forças em presença são desiguais, e a Africa esta bastante dividida para se salvar a sua independencia. Entretanto, alguns chefes africanos, esforçam-se por reagrupar as forças das suas tribus para parar o avanço da Europa invasora. Este esforço chega porém bastante tarde e nao consegue deter a imposição do regime colonial sobre quase toda a Africa.

Entre os chefes que mais se distinguiram, há: o primeiro-ministro de Madagascar, RAINILALA RIVONI; o chefe Zoulou, CATHAYO, e o chefe LATDIOR E SAMORY, que uniram o Sudão ocidental. Na Africa oriental distinguiram-se os chefes MUTESA, kabaka de Ouganda, e Mirambo, chefe da tribo Wanyanwezi.

Na Etiopia, o negus Menelik, resistiu aos invasores italianos. Atraiu os italianos para as montanhas onde os aniquilou completamente. (1895). É necessario dizer, que por toda a parte onde houve a ocupação, houve também resistencia dos povos africanos. Mas na maioria dos casos, os povos africanos não estavam em condições de repelir essas invações. Não podia mesmo ser doutra maneira devido as seguintes razões:

1-Atraso nos seus estado social e economico em fraqueza militar em relação aos estados europeus altamente desenvolvidos;

2-A falta de contacto, organização e unidade na luta.

5º Período: Movimento de libertação nacional e unidade africana

O movimento de resistência e dominação colonialista, este é segunda guerra mundial, não tinha carácter nacional. Limitava-se à luta de uma tribo, e acidentalmente de várias tribus unidas, contra a ocupação colonialista.

Foi a partir da segunda guerra mundial, que se forma uma elite de políticos africanos que coloca à cabeça das primeiras organizações de massa, que gradualmente vão tomando um carácter nacional. A revolução socialista de Outubro na URSS, a formação do campo socialista, a intensificação da luta de classes nos países da Europa ocidental, a conquista da independência dos países asiáticos, são os factores que contribuem a modificar totalmente as relações de força na arena política internacional. Estes factores reflectem-se profundamente na vida política africana, e têm como principal consequência a elevação da consciência política dos povos africanos, a formação de partidos políticos, e a intensificação da luta pelas reivindicações nacionais. É neste quadro que alcançamos a independência, a Índia em 1947, e Sudão em 1956 e o Gana em 1957. A partir deste data as independências seguem-se rapidamente.

Unidade africana

Os problemas que a crise do Congo levantou em Africa contribuíram para que alguns estados africanos, que tinham tomado uma posição mais radical em relação às intervenções imperialistas no Congo, sentissem a necessidade de concertar a sua posição política. Assim em Janeiro de 1961, e a convite de Mohammed V, rei do Marrocos, reuniram-se em Casablanca Gamel Nasser (R.A.U.), Kwame Nkrumah (Gana), Sekou Toure (Guine),

Modibo Keite (Mali), Abdokader el Allam (Libia) e Ferhat Abbas (Algeria). Foi adoptada a carta de Casablanca e foram tomadas resoluções sobre a situação no Congo, sobre o colonialismo, segregação racial, apartheid e experiências nucleares. O grupo de Casablanca não resistiu á divergência de interesses e desagrega-se, o mesmo acontecendo á posterior União dos Estados Independentes da Africa, lançada em 1961 pelo Ghana, Guine e Mali.

Em Maio de 1961, nasce a União Africana e Malgache (U.A.M.), formada pelas antigas colónias francesas em Africa. É pois uma organização regional. A U.A.M. foi criada sob a égide do imperialismo francês. Pouco tempo depois da formação da OUA, a UAM transforma-se em UAMCE (União afro-malgache de cooperação económica), não obstante a OUA defender o princípio da dissolução de todas as organizações regionais africanas.

Por oposição ao grupo de Casablanca, formou-se o grupo de Monrovia em 1961, que era composto pelos estados da UAM, aos quais se juntaram a Etiópia, Nigéria, Libéria, Somália, Togo, Tunísia, Libia e Serra Leoa. Este grupo dominado pelos imperialistas, defendia posições reaccionárias.

Finalmente em Maio de 1963, realiza-se a conferência dos chefes de estado e de Governo dos países independentes de Africa (32 países). Criou-se a organização da União Africana (OUA) que tem como órgão supremo a conferência dos chefes de estado. Os outros órgãos são o conselho de ministros, o secretario geral, com funções administrativas, e as diferentes missões (de conciliação, económica, social, defesa)

I I I P A R T E

ESBOÇO DA HISTÓRIA DE ANGOLA

Por uma questão de método, dividiremos o curso nas seguintes partes:

- 1- Origem e movimento dos povos angolans
- 2- Estudo dos mais importantes reinos de Angola
- 3- Actividade colonial dos portugueses em Angola
 - a) No período da acumulação primitiva
 - b) No período do capitalismo industrial
 - c) No período da passagem de capitalismo a imperialismo.
 - d) A ocupação portuguesa depois da conferência de Berlim
- 4- O nacionalismo organizado

----- §§§ -----

Em Angola encontramos povos vindos de várias origens, como o podem atestar a variedade de línguas, de infra-estrutura económicas e a multiplicidade de organizações sociais.

A maioria destes povos são da origem bantu, com excepção de pequenos grupos de origem Khoi-Khoi e Saan, (Potentotes e Bochimans) de origem pigmeia. No que se refere aos jagas, até hoje a ciência não conseguiu esclarecer definitivamente a sua origem. Uma das hipóteses, seria de que seriam aparentados aos Zulus.

Em data anterior ao séc. XIII, um grupo de povos caçadores, foi-se estabelecer na margem esquerda do rio Zaire. Aí, encontradas as condições que lhes permitiam um rápido desenvolvimento das forças produtivas, consolidaram a sua organização sedentária e constituíram o poderoso reino do Congo. Nas suas incursões, o reino do Congo dominou certo número de grupos humanos vizinhos, os quais eram obrigados a pagar um tributo a coroa do Congo.

A unidade anterior do reino do Congo e dos reinos seus tributários (que de resto sempre foi precária), segue-se a desintegração política. Por volta de 1550, os reinos de Iwango e Ngoyo separaram-se do reino do Congo. Cerca de 1570, os Jagas, vindos da região do rio do Zamboze, invadem o reino do Congo e obrigam o rei a refugiar-se numa das ilhas do Zaire. O rei do Congo, com o auxílio dos portugueses, consegue mais tarde expulsar do Congo, estabelecendo-se nas suas proximidades; hoje são um dos povos que habitam o norte da Angola, integrados no grupo dos Kikongos; Os Makayas (Ma-kayas) ou jagas são tribus da Baixa do Cassange.

A decadência do reino do Congo, foi acompanhada da ascensão dos reinos de Iwango e de Ngola. Outros reinos da África central e do sul parecem ter resultado da queda do reino do Congo, como o dos BAKUBAS e o da Lunda. Os domínios do reino da Lunda, estendiam-se pela margem direita

do rio Kassai, embora sua influência se estendesse também pela margem esquerda. Nos arredores do reino da Lunda, várias tribus se encontravam estabelecidas, e eram obrigadas a pagar um imposto a coroa da Lunda, entre estas, distinguem-se as tribus Tch yokwe, Minungus e Luengas.

Estes povos, tendo mais tarde entrado em dissidência com o reino da Lunda, deslocam-se para a costa, vindo a instalar-se mais para o sul.

No séc. XVIII (como se pensa), um povo vindo das estepes centrais da Rodésia - os Ganguelas - foi estabelecer-se na margem esquerda do Cunene, do outro lado do qual se encontravam os Nianecas. Os Nianecas, teriam provavelmente vindos do sul; na marcha para o norte encontraram, os Vimbundos, com quem se cruzaram. Assim actual tribu Quilungues, encontra-se dividida em dois grupos: uma de características Nianeca, e outra de assimilação Vimbundo.

Estudo dos reinos de Angola

O REINO DO CONGO --

O antigo reino do Congo estendia-se, na época da sua maior extensão, da foz do rio Ogoué a do Cuanza; para o interior, até ao Cuango, afluente do Kassai. O primeiro rei foi VENE ou NIMI LUKENI, que tinha o título de Ntinu. Vindo da região do Mayombe, fundou a sua capital em M'Banza Congo, hoje São Salvador, no séc. XIII, e estendeu o seu reino mercê de uma série de conquistas, colocando os seus familiares à direcção das províncias que conquistava.

No séc. XV, o reino estava dividido em 6 províncias:

M'Penba-- a província central, onde residia o rei e a nobreza,

Sonye-- ao sul da foz do Congo

M'Bamba-- a província mais rica e populosa onde se encontrava o exército do qual o Mani Mbamba era o generalíssimo em tempos de guerra,

M'Bata-- que protegia o reino a este, do lado dos seus inimigos os Jagas,

N'Sundi-- província rica, que se estendia de uma ponta a outra do reino e servia de intermediária entre os Bateke e a costa, para o comércio de marfim e de escravos,

M'Panzo-- atravessado pelo rio Barnela e povoado de clans Bassundi.

Como dissemos, o rei nomeava governadores das províncias, com excepção de M'Bata, que era nomeado pelo povo ou pelos notáveis do reino entre os membros da clan N'zaku. Por volta de 1700, aparece a clan Mpasi a disputar esta prerrogativa aos N'Zaku. Além destas 6 províncias, o rei teria sob a sua dependência, até ao sec. XVI pelo menos, os reinos de Lóango, N'GOIO e o de Anziko, também chamado do Makoko ou Bateke.

Parece entãnto que a independência destes reinos em relação ao do Congo, não era muito grande. Quanto a dependência do reino do N'GOLA parece ser uma hipótese bastante remota, e sobretudo uma invenção dos portugueses.

Organização Social e Política

O reino era constituído por diversas tribus cada das quais divididas em clans, ou seja grupos de pessoas descendentes do mesmo antepassado. Os clans eram governados por um chefe, escolhido por todos os membros do clan. Quando o chefe morria, escolhia-se outro chefe. Mesmo que fossem filhos, netos ou sobrinhos do chefe morto, ou que não fossem seus parentes todos os homens do clan tinham direito a chefia. No clan, embora fossem os homens que mandavam as mulheres tinham uma grande importância. Eram elas que educavam os filhos e que viviam com eles enquanto fossem pequenos. O pai e a mãe nunca podiam ser do mesmo clan. A partir de Wene, todas as clans passaram a ser dominadas pela do rei. Foi em 1270 que Wene, filho de Nima Nizima, dominou as clans do norte do rio Congo, atreveu-se o rio e dominou também as do sul. Assim foi nesta época que todas as clans e tribus, Kikongo ficaram sob o domínio de Wene.

Como a clan de Wene era a dominante os seus membros passaram a ter mais direitos que os outros. Como já dissemos os governadores das províncias ou MANI, eram nomeados pelo rei. Com o andar dos tempos, os reis, começaram a interessar-se mais pela sua família do que pelos membros da sua clan e, pouco a pouco, começaram a substituir os Manis pelos membros da sua família. Toda as províncias estavam divididas em distritos que obedeciam ao Mani. Os Manis eram obrigados a pagar um imposto ao rei e a fornecer-lhe soldados para as guerras. Nas suas províncias os Manis eram as autoridades judiciais. O dinheiro de então eram os cauris (jinjambu) apanhado na ilha de Luanda. O povo tinha a sua religião adorava um deus criador, N'Zambi, e adorava também os seus antepassados.

O culto religioso era feito em altares especiais e eram utilizados amuletos, etc.

Chegada dos portugueses

Diogo Cão chega ao rio Congo em 1482. Desembarca em Pinda, porto da provincia de Sonyo e contacta com o Mani da provincia. Manda alguns mensageiros a N'Zinga N'Kuvu, quinto successor de Wene, e volta para Portugal levando consigo alguns notaveis da corte do Congo. Assim comecam as primeiras relacoes, que se revestem no inicio de um caracter amigavel e de respeito mutuo. A partir de 1518, após o envio de algumas embaixadas a ambos os paises, os portugueses resolvem converter o rei do Congo ao catolicismo. Em 1491, N'Zinga N'Kuvu recebe o baptismo sob o nome de D. João I; este morre em 1507, e succede-lhe N'Zinga Mvemba que também é baptizado sob o nome de D. Afonso I. Com a ajuda dos portugueses este étimo reorganiza a administração do reino; os governadores e nobres tomam os titulos de marqueses, condes e duques. Com o auxilio dos portugueses que D. Afonso I conquista os Anzicos, Panzelungos, Changalas e Ambundos. Esta expansão do reino, vem-lhe a custar cara, pois os portugueses comecaram a exigir o troco da sua ajuda, e é assim que progressivamente o reino perde a sua independencia.

A partir de 1517, o comércio de escravos atinge o seu apogeu; o reino do Congo comeca a despovoar-se como consequência das ligacões existentes entre o rei do Congo e os portugueses. De 1547 a 1568, quatro reinados se sucedem, e é um periodo marcado de violencia e insuccesso.

N'Kumbi a Mpué, ou D. Diogo I faz uma campanha que lança contra os N'Gãlas. M'Penba a N'Zinga, ou Afonso II é assassinado pelo irmão e, o Nerika a M'Pué, ou Henrique I perde a vida numa batalha contra os Bateke.

Por volta de 1559, os Jagas comandados por Simbo, invadem o Congo e expulsam o rei Alvaro I que é obrigado a refugiar-se numa das ilhas do

rio Zaire. Alvaro I pede a ajuda dos portugueses e depois de quatro anos de guerra consegue expulsar os Jagas. Estes continuam esporadicamente a lançar os seus ataques contra os domínios do reino do Congo. Do Congo as Jagas dirigem-se para o sul, para o reino de N'Gola, onde reinam durante sete anos. No fim do séc. XVI, cessam as suas acções armadas, e estabelecem-se na baixa do Cassange, perto da região do curso superior do rio Cuanga. Depois da expulsão dos Jagas, a influencia dos portugueses aumenta no Congo, devido sobretudo á ajuda prestada contra os Jagas.

Entretanto, o commercio de escravos toma proporções cada vez maiores. Os excessos deste e a politica de tolerancia dos chefes dá origem a uma revolta, dirigida por BULA MATA-DI, parente do rei do Congo. Este foi o começo da guerra civil, na qual não só morreram todos os portugueses residentes no reino do Congo, como também quase todos os membros da familia real.

De 1574 a 1614, reina Alvaro II ou Nempazu a Nini, que consegue entretanto liquidar a dependencia do reino em relação aos portugueses. Em consequência da sua hábil politica, os portugueses transferem-se em 1630 para N'Gola, onde já tinham uma posição mais ou menos consolidada. Em 1614, sobe ao trono Bernardo II ou Nenimia M'Panzu, que se alia ao rei do N'Dongo-N'Gola, e procura a amizade dos Holandeses que tinham occupado Luanda. É por volta deste período que os portugueses começam progressivamente a deixar o Congo e a instalar-se em N'GOLA. É também neste período que começa a desintegração politica do reino do Congo, com as primeiras revoltas das provincias subordinadas.

Em 1641, é Garcia II que comeca um reinado de 15 anos. É durante este período que Garcia II ou Kimbabu a Lukeni, vê perder-se grande parte do seu exército partido em campanha contra a provincia de Sonyo que se tinha revoltado. Enfraquecido por este fracasso, Garcia II vê-se obrigado a assinar um tratado de paz com os portugueses, em resultado do qual perde Luanda.

e a parte sul do país. A Garcia II sucede o seu filho António I cu N'Vita a N'Ganga, que se recusou a cumprir as cláusulas do acordo que Álvaro I assinara com os portugueses. A recusa de António I desagradou aos portugueses que resolveram atacá-lo, vencendo-o na chamada batalha de Ambuila, em 1665.

Depois de Antonio I, seguesse novo periodo de lutas para a sucessão. Vários reis sobem ao trono, mas pariam espaço de tempo pequeno. Em 1670, Rafael, Mani de M'Pamba resolve tentar a sua sorte e faz-se eleger rei do Congo. Mas ao saber que o Mani de Sonyo marchava contra ele resolve pedir auxilio aos portugueses. A expedição portuguesa foi completamente aniquilada tendo morrido todos os seus ocuantes.

Esta vitória não resolveu o problema da sucessão, e no Congo continuava a travar-se lutas violentíssimas pela posse do poder. Por outro lado as provincias começam gradualmente a conquistar a sua independencia. A meados do séc. XIX, toda a estrutura politica foi aniquilada e o reino resumia-se a certo número de sobados que se guerreavam mutuamente.

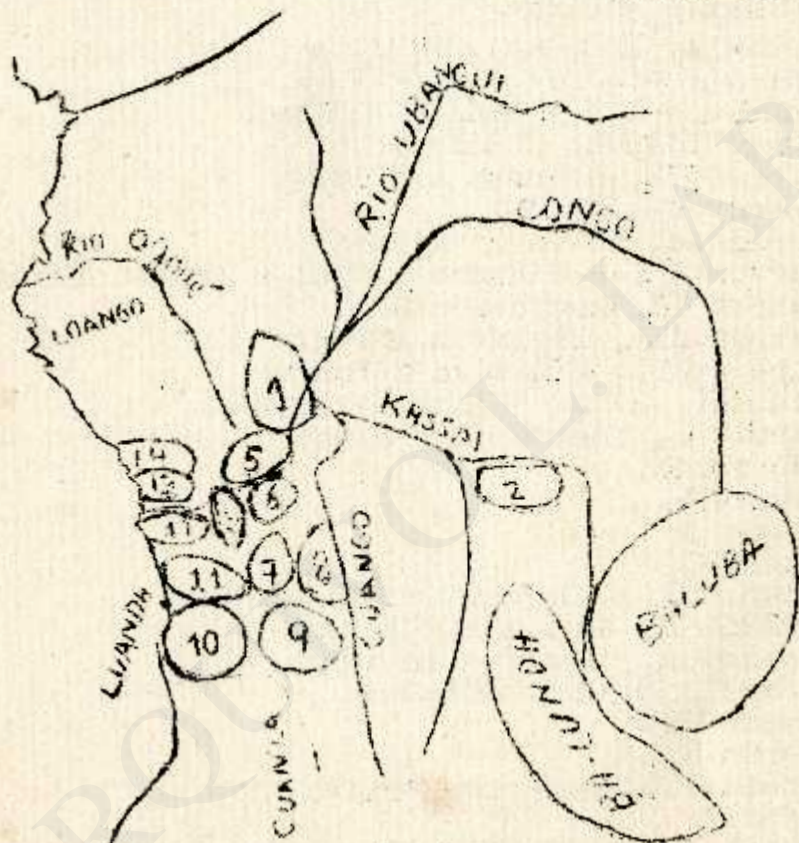
A revolta de 1913 - 1914

Vimos que a partir de 1670 - 80, o reino do Congo tornou-se teatro de lutas violentas. Ao inenso poderio no séc. XVI seguiu-se a desintegração politica provocada sobre tudo pela intriga desenvolvida pelos portugueses que procuravam dividir para reinar, espalhando assim as dissensões entre as diyeras tribus.

Por volta de 1900, S. Tomé tornara-se um dos maiores produtores rurdaiais de cacau, cacau esse que era sobre tudo cultivado pela mão de obra angariada no Congo. Em 1913, o soba Álvaro Tulante Buta revolta-se contra os portugueses, recusa-se a pagar imposto não lhes permite o angareamento da mão de obra. A revolta ostende-se rapidamente pelos povos Quelo, Qui-rinda, Bungo, Quingombê, Binja, Uenc, Loma, Loano, Chinde, e Tuango, para mais tarde se es-

tender por todo o norat. Os portugueses sofrem estrondosas derrotas e só conseguem reprimir a revolta em 1917, tendo para isso sido necessaria a intervenção da marinha de guerra.

O reino do Congo e as suas provincias



- | | |
|-------------|-------------|
| 1 - ANZICO | 10 - NSOLA |
| 2 - BA-KUBA | 11 - NBARBA |
| 5 - NSUNDI | 12 - SONYO |
| 6 - MPANGU | 13 - NGUYO |
| 7 - MBATA | 14 - KANGUO |
| 8 - YABA | 15 - MPEBA |
| 9 - MATAMBA | |

Os reis do Congo

- 1- Ntinu Nimi a Lukeni
- 2-Nanga kia Ntinu
- 3-?????
- 4-N'Kuvu a Ntina--
- 5-João I, N'Zinga a N'Kuvu
- 6-M'Panzu a N'Zinga-
- 7-Afonso I, M'Bemba a N'Zinga
- 8-Pedro I, N'Kanga a M'Bemba
- 9-Francisco I, M'Pudi a N'Zinga
- 10-Diogo N'Kumbi a M'Pudi
- 11-Afonso II, M'Penba a N'Zinga
- 12-Bernardo I
- 13-Henrique, Nerika a M'Pudi
- 14-Alvaro I; O M'Panzu, Nimi a Lukeni lua M'Bamba
- 15-Alvaro II, Nempazu a Nimi
- 16-Bernardo III, Nenimi a M'Panzu
- 17-Alvaro III, M'Biki a M'Panzu
- 18-Pedro II, Afonso N'Kanga a M'Biki
- 19-Garcia I, M'Bemba a N'Kanga
- 20-Ambrosio I
- 21-Alvaro IV,
- 22-Alvato V
- 23-Alvaro VI
- 24-Garcia II; o Kimbanbu a Lukeni
- 25-António I, Nevita a N'Kanga
- 26-Alvaro VII, M'Panzu a M'Assunda
- 27-Pedro III, N'Sukia N'Tamba
- 28-Alvaro VIII
- 29-Afonso III
- 30-Garcia III, Nenganga M'Bemba
- 31-Rafaelli
- 32-Daniel de Gusmão Niemiala, Nia Girbila
- 33-João de M'Bula
- 34-André Mulaza
- 35-Manuel N'Zinga Elongue
- 36-Alvaro IV, Nenimi a M'Bemba
- 37-Pedro IV, Nsamu a M'Bemba
- 38-Pedro Constantino Kinbango

Os Dembos

Os Dembos eram grandes chefes que viviam mais ou menos independentes uns dos outros, na região a nordeste de Luanda entre os rios Dange e Loge até ao Ambuilla e ao Encoge. Os Dembos consideravam-se aparentados aos reis do Congo que por sua vez, reivindicavam a autoridade sobre eles, sem que no entanto, na prática existisse qualquer dependencia. Não obstante o estado de independencia em que viviam uns dos outros, os portugueses tiveram enormes dificuldades em ocupar militarmente esta região. Em 1631, o Dembo Ambuilla, descontente com as incursões dos portugueses no seu território, revoltou-se, tendo porém sido derrotado. Em 1691, tornou a revoltar-se sofrendo idêntica sorte. É necessário acrescentar que embora derrotado o Dembo Ambuilla nunca permitiu uma ocupação definitiva do seu território criando para os portugueses uma permanente situação de instabilidade.

Os Dembos mais importantes eram os Ambuillas e Kakulo-Kaenda; outros havia dentro dos quais o de Cazuangongo, Ngombo a Mukiana e o de Mufuke. Os portugueses dedicavam uma importancia fundamental pois a região dos Dembos, pois possuía para eles um interesse estratégico. Com efeito, era através dos Dembos que eles queriam chegar ao Benbe; o Benbe era vital para os portugueses pois era aqui que se encontravam as famosas minas de prata. Além disso, era o ponto de passagem das caravanas que, desde o interior levavam para a costa o marfim a ginguba e a borracha; o Benbe era ainda o centro das comunicações entre S. Salvador, Ambriz e Luanda. Os Dembos criando situações difíceis para os portugueses contribuíram para impedir uma ocupação definitiva desta região. Assim várias vezes tiveram lugar, entre as quais as de 1793, 1841, 1843 e a grande revolta de 1845, levada a cabo pelo Dembo Ngombo a Muquiama. Em 1872, o estado de revolta generalizou-se e atinge toda a região dos Dembos.

Em 1906, uma coluna portuguesa, comandada

por João de Almeida é completamente destruído. Em 1909 outra coluna, desta vez comandada por David Magno, sofre idêntica sorte. Só em 1918, os portugueses conseguem jogar a revolta e fazer a ocupação dos Dembos, depois duma campanha que durou decaído 10 anos.

-----+++-----

O reino de N'Gola

Quando os portugueses chegaram a Angola o reino de N'Gola já existia. Segundo se pensa teria resultado de várias migrações de povos bantus, na parte de África, situada entre o Zaire e o Cuanza.

A primeira, seguindo pelo o rio Cambu deve ter-se concentrado no planalto da Matamba, não atingindo todavia o litoral,

A segunda deve ter a de povos do Congo, que seguindo o curso deste rio, se instalaram nas margens norte e sul,

A terceira, seria a dos Jagas, que se concentraram na baixa do Cassange,

A quarta e última teria sido a de um grupo do Jagas (o de Gongá), que se teriam deslocado em direcção do Libolo e da Kissangá, e ainda para o sul para o rio Cuvó, Pié e pelo Cunene ao Humbe.

Parece que os territórios que constituíam o reino do N'Gola teriam sido conquistados por um Jaga de Matamba, N'Gola a N'ZINGA, que ceidou a seu filho, N'Gola a MBandi. Este último teria constituído o reino. Segundo os documentos portugueses um dos sobas do N'GOLA teria, por intermédio do rei do Congo, nessa altura Afonso I, pedido ao rei de Portugal que lhe enviasse missionários. Perante os presentes que o soba de N'Gola lhe teria enviado, (pulseiras de prata) o rei de Portugal, pensou na possibilidade de existencia de minas de prata.

Assim, tratou imediatamente de enviar Baltazar de Castro e Manuel Pacheco até ao reino

de N'Gola, com a missão de as encontrar. Os portugueses chegaram a N'Gola em 1520; o rei de N'Gola tinha porém mudado de opinião, e não só recusou converter-se como mandou imediatamente matar um dos portugueses: O outro foi feito prisioneiro durante 6 anos, findos os quais foi definitivamente expulso. A segunda expedição, comandada por Paulo Dias de Novais, chegou à barra do Guanza em 1560. O rei de N'GOLA, N'Gola Kiluanji, adivinhando as verdadeiras intenções dos portugueses, prendeu Paulo de Novais e comitiva. Entretanto, os portugueses procuravam a todo o custo, romper as relações entre os reinos de N'Gola e Congo. Assim em 1556, o rei do Congo instigado pelos portugueses, resolve atacar os N'Golas. Assim, em 1556 o rei do Congo instigado pelos comerciantes portugueses do Congo resolve atacar os N'Golas. Trava-se a batalha do Dande e, as tropas do Congo são completamente aniquiladas. E nesta altura que começa a desintegração do reino do Congo. Depois do seu insucesso, Paulo de Novais parte para Lisboa e vota a Angola em 1575.

Desembarca em Luanda e começa a construção de fortes nas regiões ao redor da Luanda, procurando-se para o seu principal objectivo: A expedição das minas de prata do Camembe. Ao fim de três anos de estadia em Luanda, decidiu por-se em marcha em direcção as minas de Camembe. Esta campanha durou 14 anos sem que os portugueses conseguissem apoderar-se das minas. No decurso dela sofreram pesadas derrotas, e foi durante um destes combates que Paulo Dias de Novais morreu.

Os seus sucessores não tiveram melhor sorte e só em 1604, os portugueses, comandados por Manuel Servoira Pereira, conseguem chegar as minas. Em 1611, os portugueses conseguem derrotar o rei N'Gola Kiluanji; este é preso e decapitado. Em 1614, o soba Nambu a N'Gongo, declara guerra aos portugueses, mas é derrotado no Bengo. Entretanto sobe ao trono, N'Gola Mbandi, que mais tarde é atacado, derrotado e deposto.

que colocou no seu lugar Samba Andumba, que não era reconhecido pelas populações. O rei N'Gola M'Bandi, refugia-se numa das ilhas do Cuanza. Durante este período, a resistência oposta pelos reis de N'Gola tinha impedido que os portugueses se infiltrassem para o interior. Assim, todos os caminhos, quer em direcção do Congo Matamba ou Cassange, estavam fechados. Não havia comércio com Luanda, e a situação dos portugueses tornava-se difícil. Assim, os portugueses viram-se obrigados a assinar um tratado com o rei N'Gola Mbandi, refugiado como já dissemos numa das ilhas do Cuanza. Este envia uma embaixada, para discutir com os portugueses, embaixada essa constituída pelas suas três irmãs, entre as quais a famosa GINGA a MBANDI.

Estabelecidas as condições de paz, Ginga a Mbandi, converte-se ao catolicismo sob o nome de D. Ana de Sousa, após o que regressou aos seus domínios. Por volta de 1524, Ginga a Mbandi descontente com a passividade de seu irmão, envenena-o (segundo versão dos portugueses) e apodera-se do trono, iniciando assim uma nova era na história de N'Gola.

A rainha Ginga, enquanto fingia esperar pela confirmação das condições de paz, por parte do rei de Portugal, ia mobilizando o povo à sua volta, preparando-se para declarar guerra aos portugueses. Ao mesmo tempo, desencadeou uma intensa campanha diplomática para unir todos os reinos e tribus seus vizinhos. Quando os portugueses perceberam os preparativos de guerra que a rainha Ginga levava a cabo, protestaram tendo ela facilmente respondido, pedindo padres e manifestando um fervor religioso que na realidade não professava. Mais tarde consegue unir-se aos Jagas de Cassange, faz-se proclamar rainha destes, e declara finalmente guerra aos portugueses.

No fim desta guerra, que durou 30 anos e no decurso da qual a rainha Ginga infligiu pesadas derrotas aos portugueses, estes não pu-

3.º D'apoderar-se do interior e viram-se limitados ás suas antigas posições. Em 1641, os Holandeses occupam Luanda; segue-se um período de luta entre os portuguezes e os Holandeses, até aproximadamente ao fim do séc. XVIII, altura em que os portuguezes conseguem reconquistar os territórios perdidos. Por volta do séc. XVIII o reino de N'Gola começa a perder o seu antigo poderio e os portuguezes começam a infiltrar-se, embora lentamente devido á permanente resistência das populações.

Lista dos reis de N'Gola

- 1-N'Gola Inene
- 2-Nzunda ~~Kia~~ N'Gola
- 3-Turba ~~Kia~~ N'Gola
- 4-N'Gola Kiluanji
- 5-Ndambi N'Gola
- 6-N'Gola Kiluanji ~~Kia~~ N'Gola
- 7-Nzinga Kilombo ~~Kia~~ Kasendo
- 8-Mbandi N'Gola Kiluanji
- 9-N'Gola Mbandi
- 10-NZINGA A MBANDI N'GOLA (GINGA)
- 11-Bárbara da Silva
- 12-João Guterres N'Gola Kanini
- 13-Francisco Guterres N'Gola Kanini
- 14-Vitória

Reino da Lunda

Os Ba-Lundas são um conjunto de povos descendentes dos Bantus ocidentais, e que ocupam hoje a parte este de Angola e a sudeste do Congo. Estende-se aproximadamente entre 6 e 11 graus de latitude sul, a partir do curso superior do Zambeze e do Congo. Neste imenso território em que a menor parte se encontra na cintura da savana e a maior na da cintura das florestas tropicais, o povo Ba-Lunda formou um grande e poderoso estado, cuja influência se estendia por outros grupos de Bantus ocidentais. Segundo as lendas, este estado foi fundado por um grande caçador da tribo Ba-Luba, vindo do nordeste, e que se teria fixo com as suas gentes, entre os Ba-Lundas. Este estado chama-se de "Muata Januo" ou Lunda.

Muata Januo era o nome do seu fundador. As particularidades do estado Lunda, que o distinguem dos outros estados, eram a duplicidade do poder que reflectia fortemente as tradições ainda vivas da velha estrutura matriarcal. Assim ao lado do rei, havia ainda a "Lukocheke" ou seja mãe de todos. O país estava dividido em duas partes, mas o poder supremo estava entregue ao Muata Januo e noutra a Lukocheke.

Esta última, não podia pela forma, ter marido mas na realidade podia escolher vários. Se um homem era escolhido por ela tornava-se seu escravo e marido. O Muata Januo, nomeava todos os governadores e chefes da provincia, mas entretanto todos os negócios do reino eram resolvidos por uma grande assembleia popular, que não só o podia criticar como também destituir.

Todas as tribus sujeitas ao domínio do reino da Lunda eram obrigadas a pagar tributo. O rei era eleito por 4 ministros, entre os filhos duma das esposas do falecido rei. Regras bastante severas regiam a vida do rei: ele não podia comer, beber ou fumar á frente de desconhecidos, assim como não devia mostrar-se senão

sentado nos ombros dos escravos ou na clássica tipóia que só era usada pelos membros da nobreza. Durante a existência do reino, os Ba-Lundas misturaram-se ás outras tribus, á medida que se estendia o poderio do reino. Assim adquiriram numerosos elementos das outras tribus (Tchiokwe, Babissa e Lubala), que com o tempo se assimilaram completamente. Até ao fim do séc. XIX este estado esteve fora da influência europeia. Entretanto, por volta da década 1840-1850, algumas visões foram feitas através deste território, como por exemplo Silva Porto, Magyar, Livingstone, etc. Este relativo afastamento da influência traz como consequência o desconhecimento da sua historia até ao século XIX. Numa data indeterminada, o reino da Lunda ter-se-ia integrado ao de Ngola. Essa integração teria sido feita pacificamente através das migrações dos Jagas e dos Tchiokwe. Há indícios de participação na expedição de 1568 que os Jagas empreenderam contra o rei Alvaro I do Congo. Todavia estes factos historicos nao estão suficientemente determinados.

O Reino de Benguela

O Reino de Benguela já existia quando os portugueses chegaram á Angola. Era constituído por sobados independentes uns dos outros entre os quais os mais importantes eram os de Peringe e o de Catumbela. A estes sobados vieram-se juntar, como ja vimos, os Jagas, em 1590-1600, depois de terem sido expulsos do Congo pelo rei Alvaro I com auxilio dos portugueses. A primeira viagem dos portugueses a Benguela foi efectuada por Paulo Dias de Novais. Um dos seus sucessores (que conquistou as minas de Cambambe) desembarcou em Benguela em 1617, fundou a cidade de S. Filipe de Benguela, e iniciou a construcção de fortalezas. O soba Peringe, logo após a chegada dos portugueses revoltou-se, tendo morto alguns deles; mais tarde, foi porem obrigado perante a reacção daqueles, a refugiar-se mais para o interior.

Manuel Cerqueira Pereira tendo sabido da existência de minas de cobre e sal, preparou-se para delas se apoderar; com efeito conseguiu descobri-las em Sumbe Ambala, mas morreu antes de iniciar a sua exploração. O seu sucessor, Lopo Soares Lasso, logo que chegou a Benguela recebeu um pedido de auxílio dos sobas Peringe e Maniberro, a quem, o Jaga Anguri atacara e, também do soba Bambe, atacado por sua vez pelos sobas Quissangue e Bissansongo. Os portugueses conseguem derrotar os sobas revoltados, sofrendo entretanto pesadas baixas. O movimento de resistência aumenta e generaliza-se. Em 1628, os sobas Culinata, de uma região próxima de Benguela, e o Cabamba, grande soba da região de Luqueço, revoltaram-se, tendo também sido derrotados. Entretanto, os portugueses conseguem infiltrar-se para o interior e assim atingem Caconda, onde submeteram o soba Njinbu; continuando a sua marcha para o interior atingem o rio Cunene dominando aqui o soba desta região Muzumbo a Kalunga. O soba de Caconda, Njinbu revolta-se, tendo completamente aniquilado toda a expedição portuguesa, comandada por Lopes Lasso.

Os Holandeses, invadem Angola, tendo também ocupado Benguela. Os reforços enviados pelos portugueses para expulsar os Holandeses, desembarcam em Quilombo, partem para Massengano, onde são atacados pelos Jagas, que lhes infligem uma derrota completa tendo as tropas portuguesas sido completamente destroçadas.

Em 1685, os portugueses estabelecem-se definitivamente em Caconda, constroem fortes e transformam-na no maior centro de tráfico de escravos da zona do reino de Benguela.

Reino de Loango

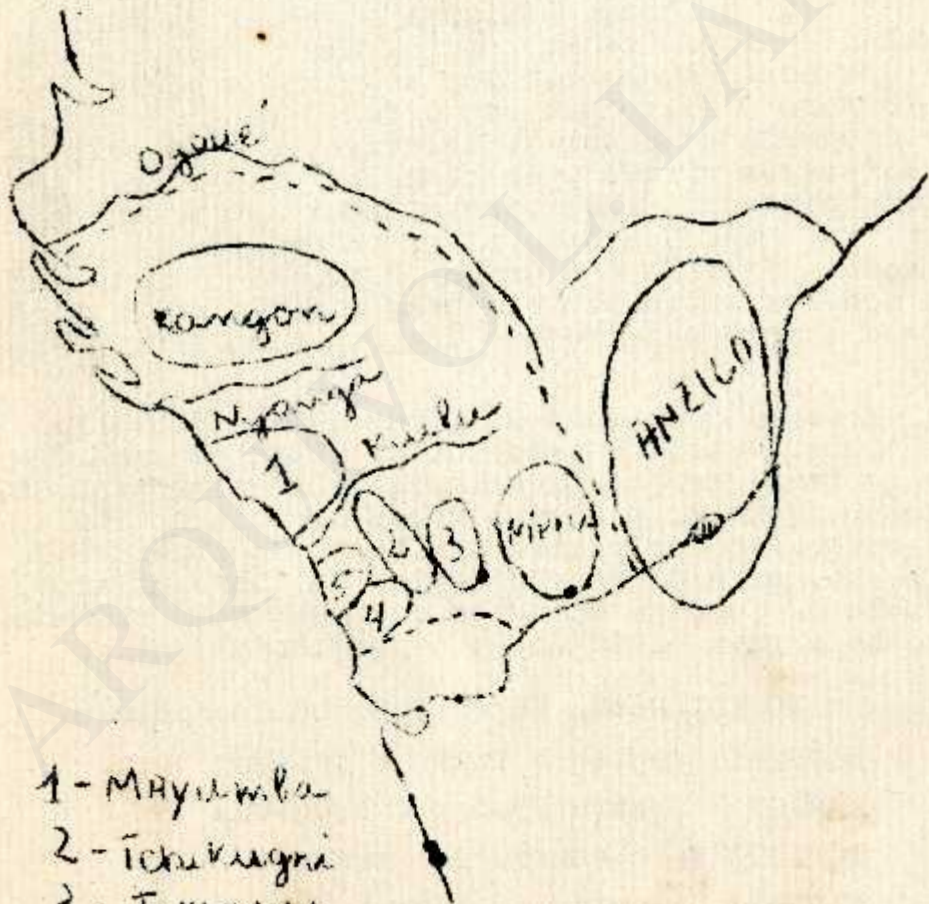
Até ao séc. XV, o reino de Loango dependia do reino do Congo. Esta dependência obrigava o rei de Loango a pagar um tributo e a escolher esposa entre as princesas do Congo. No começo do século XVI, o Loango separa-se do Congo e torna-se independente. Por esta altura, o reino do Loango é limitado ao sul pelo Congo, ao norte e a nordeste pelo Ogooue, a este estendendo-se até a actual aglomeração do Minduli. A tradição deixou o nome de NKUNGU, como o primeiro soberano de Loango.

O rei de Loango dispunha do poder executivo e tinha o título de Ma Loango. Ele estava rodeado de uma corte cujos membros eram uma espécie de ministros. O principal era o "Ma M'Bona li Loango", que dispunha de poder legislativo, e era assistido nos casos graves pelo conselho dos Farun. As atribuições judiciais eram atribuídas a um estrangeiro que guardava Toda a sua independência em relação a família e a tribo. O Ma M'Bona dispunha de poderes extensos: propunha a modificação das leis e estava encarregado dos negócios estrangeiros.

A escolha do novo Ma Loango era feita pelo Ma M'Bona assistido pela corte, entre os candidatos pertencentes as tres famílias reais (Buvandji, N'Kata e Konde). O eleito nunca recebia o título e o cargo sem ter primeiro percorrido o reino! No regresso, o Ma M'Bona punha-lhe no ombro um arco, simbolo de força e dava-lhe o espectro do comando. O reino estava dividido em 6 provincias:

- LOANDJILI (Ponta Negra e Norte de Cabinda)
- MAYUMBA (Entre o Kuilu e Nyanga)
- KANGON (Entre Nyanga e o Ogooue)
- TCHICUGNI (Ao centro do reino)
- M'PILA (Região do Niari)
- TCHIKUNU (Mayombe)

O REINO DE LOANCO



- 1 - MAYIMBA
- 2 - TCHIKAGNA
- 3 - TCHIKUNU
- 4 - LOANOKU
- 5 - TCHILONGU

Cada provincia era dirigida por um governador (Mafuka) assistido dum conselho.

No séc. XIX, o r. no enfraquece e perde a a sua anterior grandeza.

Depois da conferencia de Berlim assiste-se a uma divisão do reino entre Portugal, Bélgica e França.

3 - Actividade colonial dos portugueses

Primeiro contacto dos portugueses foi feito em 1482, data em que uma expedição conduzida por Diogo Cão passando a foz do rio Ogoue, chega até ao reino do Congo. Em 1485, de novo Diogo Cão desta vez porém com uma expedição mais poderosa, sobe de novo o rio Congo até perto das quedas da Yelala. Na sua primeira viagem, Diogo Cão contactou com rei do Congo, nessa altura Nzinga Nkuvu. No regresso a Portugal, levou com consigo alguns notáveis da corte do reino do Congo.

Actividade colonial portuguesa na época da acumulação primitiva ----

Como já dissemos, foram os portugueses, que introduziram no séc. XV o commercio de escravos. No inicio, o commercio em Angola, desenvolve-se em regime de iniciativa privada, quer dizer, que não beneficiava senão do apoio moral do estado portuguez. Os commerciantes eram nessa altura, como de resto sempre o foram, piratas, criminosos e traficantes. Trocavam tecidos, vidraria, tabaco, rum; armas e pólvora, por óleo de palma, madeira, marfim, ouro, e escravos que eram transportados para Portugal. Este commercio era feito exclusivamente na costa, e nenhum dos traficantes tentava penetrar no interior.

Depois da descoberta da América, os Espanhoes e os portugueses fundam as grandes plantações e comecam a exploração das minas de ouro e de pra-

ta. Para as prover de mão de obra, elles procuraram-na em Africa. Naturalmente, isto conduziu á intensificação do commercio. Agora as explorações eram consideradas como negócios de estado e eram organisadas por este ultimo. Para proteger o seu commercio, os portuguezes constroem fortes ao longo da costa. E necessário dizer que a actividade colonial dos portuguezes, durante o séc. XV, nunca tomou proporções importantes. Foi no principio do séc. XVI, que o commercio de escravos se tornou o motor essencial da sua actividade colonial.

Durante o período que separa os seculos XVI, do XVIII o volume do commercio atingiu cifras fabulosas. Por volta de 1580, apparecem as primeiras companhias monopolizadoras do commercio de escravos, o que veio a originar uma áspera concorrência entre os commerciantes privados e as companhias.

No decurso deste período, o commercio foi realizado só no litoral de Angola. No que respeitava ás regiões interiores, os portuguezes não ousaram por ellas aventurar-se. A vinda dos portuguezes e a extensão do commercio de escravos tiveram grande influencia nos povos das regiões interiores de Angola. As pequenas tribus do norte, encontraram-se impotentes e sem defesa perante as expedições de rapina dos portuguezes.

Estes não ousando aventurar-se para o interior, obrigavam as tribus do litoral a fazer a caça dos escravos no interior. Assim certas tribus tornaram-se mercadores de escravos enquanto outras eram victimas deste commercio.

E de lamentar o papel jogado pelos missionarios durante esta época. Chegadas a Africa com a missão de cristianizar as populações, breve os missionarios esqueceram esta sua tarefa, para se entregarem de alma e coração ao commercio de escravos. Deve-se á sua brilhante iniciativa a criação de algumas feitorias no litoral. Torna-se ainda necessário acrescentar que os missionarios, aproveitando da inclinação das massas an-

golanas as superstições, ensinavam a religião cristã, insistindo especialmente nos muitos polígotos, a fim de favorecer a exploração. Em resumo, os métodos utilizados pelos portugueses durante este período, são os seguintes:

1 - Tirar partido da superioridade técnica das suas armas a fim de obter sucessos fáceis, dando ajuda militar a este ou aquele povo angolano na sua luta contra um outro, para depois o obrigar a aceitar a soberania portuguesa;

2 - Aproveitar da inclinação dos povos angolanos a superstição, subjugando seu espírito com o concurso de missionários, pela religião cristã;

3 - Utilizar largamente, no comércio de escravos e em todo outro comércio, os intermediários angolanos.

O colonialismo Portuguez na época do capitalismo

Industrial

No início do séc. XIX as potencias europeias decidiram abolir o comércio. Em Angola, ele nunca desappareceu e nos dossos dias ele nanténesse sob a forma de trabalho forçado. Entretanto, a abolição do comércio directo trouxe modificações na vida económica e social dos povos angolanos. Nas diferentes tribus as camadas dirigentes (os chefes, os mercadores de escravos) tornaram-se devido ao comércio um grupo privilegiado de exploradores e parasitas. Com a abolição do comércio, eles viram-se privados da fonte principal dos seus rendimentos obtidos com trabalho, e procuram por todos os meios, encontrar novas formas de exploração do trabalho dos outros. Os antigos mercadores de escravos tornaram-se assim comerciantes intermediarios, agentes das empresas comerciais europeias para a compra dos produtos europeus e venda dos produtos africanos. O réis e os chefes das grandes tribus, passam assim da exploração de escravos vindos dos reinos vizinhos, a exploração dos membros das suas próprias tribus.

Para os portuguezes, a interdição do comércio de escravos foi um golpe muito duro.

O tratado de Paris, aboliu o comércio na parte norte do Equador; em 1823 porém, era abolido também na parte sul. Os portuguezes só cessaram de exportar escravos por volta de 1836, depois de terem recebido da Inglaterra 200 mil libras, como compensação das perdas. Não obstante a interdição official eles continuaram-no ora legal ora illegalmente. Mas esta modalidade do tráfico compártava grandes perdas e grandes riscos, pelo que se viram obrigados a procurar novas fontes de rendimento. Assim no principio do sec. XIX os portuguezes tentaram desenvolver outras formas de comércio, e especialmente a exportação de produtos africanos. Para isto, começaram a organizar viagens de reconhecimento.

EM 1835, algumas expedições conseguem chegar até a Lunda e aí estabelecer relações.

Em 1852 Silva Porto consegue atravessar a África de Benguela até ao Rovuna.

A partir de 1813, começa a instalação em Angola de colonos europeus. São introduzidas culturas de todos os cantos do mundo, como por exemplo o café, cacau, cana-de-açúcar, quinquina etc.

Em 1860, nova vaga de colonos vindos do Brasil chega a Angola; por sua vez, organizam a navegação no rio Cuanza, e criam algumas indústrias de manufacturas(açúcar, tabaco e outras).

O colonialismo português no período da passagem
de "colônias" a "imperialismo"

Já vimos que este período é caracterizado por uma luta intensa entre os diversos grupos de monopólios. Dissenós também que as pequenas potências como Portugal, Espanha e Holanda, viram-se relegadas para segundo plano. Pode-se mesmo dizer, que Portugal conservou as suas colônias graças à existência de graves conflitos, de divergências, de interesses entre as potências imperialistas, que as impediu de chegar a um acordo.

As tentativas portuguesas de unir Angola e Moçambique não prosperaram-se. Portugal teve de renunciar aos seus planos e reconhecer à Inglaterra a ra como proprietária exclusiva dos territórios situados entre os dois países (mapa cor de rosa de 1891).

Por outro lado, em 1893, o rei Leopoldo da Bélgica, ocupou a região do Cuango, situada a sudoeste do Congo, e obrigou os portugueses, pelos acordos de 1894 e 1895, a reconhecer esta vitória.

Logo após a Conferência de Berlim (de que já vimos as principais resoluções) os portugueses deram início à ocupação administrativa e militar de Angola.

A actividade colonial dos portugueses depois da Conferência de Berlim

Foi só depois da conferência de Berlim, que os portugueses começaram a estender o seu poderio em algumas pequenas parcelas do terreno que elas ocupavam no litoral.

Na realidade, as campanhas militares portuguesas só tiveram sucesso, depois do tratado de paz de Paris (1919), no decurso da qual as potências imperialistas estabeleceram acordos e tomaram medidas contra a aquisição de armas e munições pelas forças patrióticas africanas.

O caracter revestido pela ocupação militar portuguesa, pode-se resumir assim: depois de cada vitória, liquidação física dos chefes africanos e destruição imediata das estruturas tradicionais dos povos vencidos.

A ocupação administrativa tinha por objectivo expropriar os angolanos dos seus meios de subsistência.

A chegada de Salazar ao poder em 1928, conduziu a uma fascização dos métodos de colonização. Daqui em diante, são os métodos violentos de imposição, restrição total das liberdades, as prisões, os julgamentos e etc.

Época do nacionalismo organizado

Datan do sé. XIX, as primeiras tentativas sérias de nobilitação das massas populares. Assim em 1882, o jornalista Arsénio do Carpo, o cita "o farol do povo". Até 1910, o jornalista Silverio Ferreira, Paixão Franco, Tadeu Bastos, Narciso Espírito Santo, e António Assis Júnior fundam "O futuro do Povo", "O Angolense", "O Farolín", "A voz de Africa", "Muen Exi", "Kamba nia N'Gola" etc.

Em 1929, funda-se em Luanda a liga nacional africana, que resulta da fusão de um certo número de organizações clandestinas. Funda-se em seguida o Grémio africano, mais tarde chamado de Associação regional dos naturais de Angola. No decurso da 2.ª guerra mundial, a crise instalou-se no seio da LNA.

A maioria dos seus membros exigia a transformação da LNA em uma organização de massas, enquanto a minoria que beneficiava dos favores dos colonialistas se opunha.

A crise da LNA, as autoridades portuguesas respondiam com uma recrudescência da corrupção, com ameaças, pressões morais e materiais, introdução no seio da organização de agentes da policia secreta, e pouco tempo depois com a substituição das direcções eleitas, por comissões administrativas nomeadas pelo governo da colonia. A juventude angolana, logo após o fim da 2.ª guerra mundial, começou a estabelecer contactos com amigos no estrangeiro. É assim que novas ideias se introduzem em Angola; a origem, a natureza e os objectivos do fascismo foram desvendados aos olhos da juventude mais activa daquela época.

É nesta atmosfera que nasce o PLUA, Partido da luta unida dos africanos de Angola, com estatutos de uma verdadeira organização de massas. Em Dezembro de 1956, os dirigentes do PLUA e de outras organizações, criam o MPLA -- organização politica africana de massas, fundada em Luanda. O MPLA, funda escolas clandestinas para

combater o analfabetismo, faz agitação política desencadeia campanha de propaganda por meio de panfletos e aprofundou a crise da LNA e da ANANGOLA, pôdo a nu a verdadeira natureza dos conflitos em wue se debatiam estas organizações.

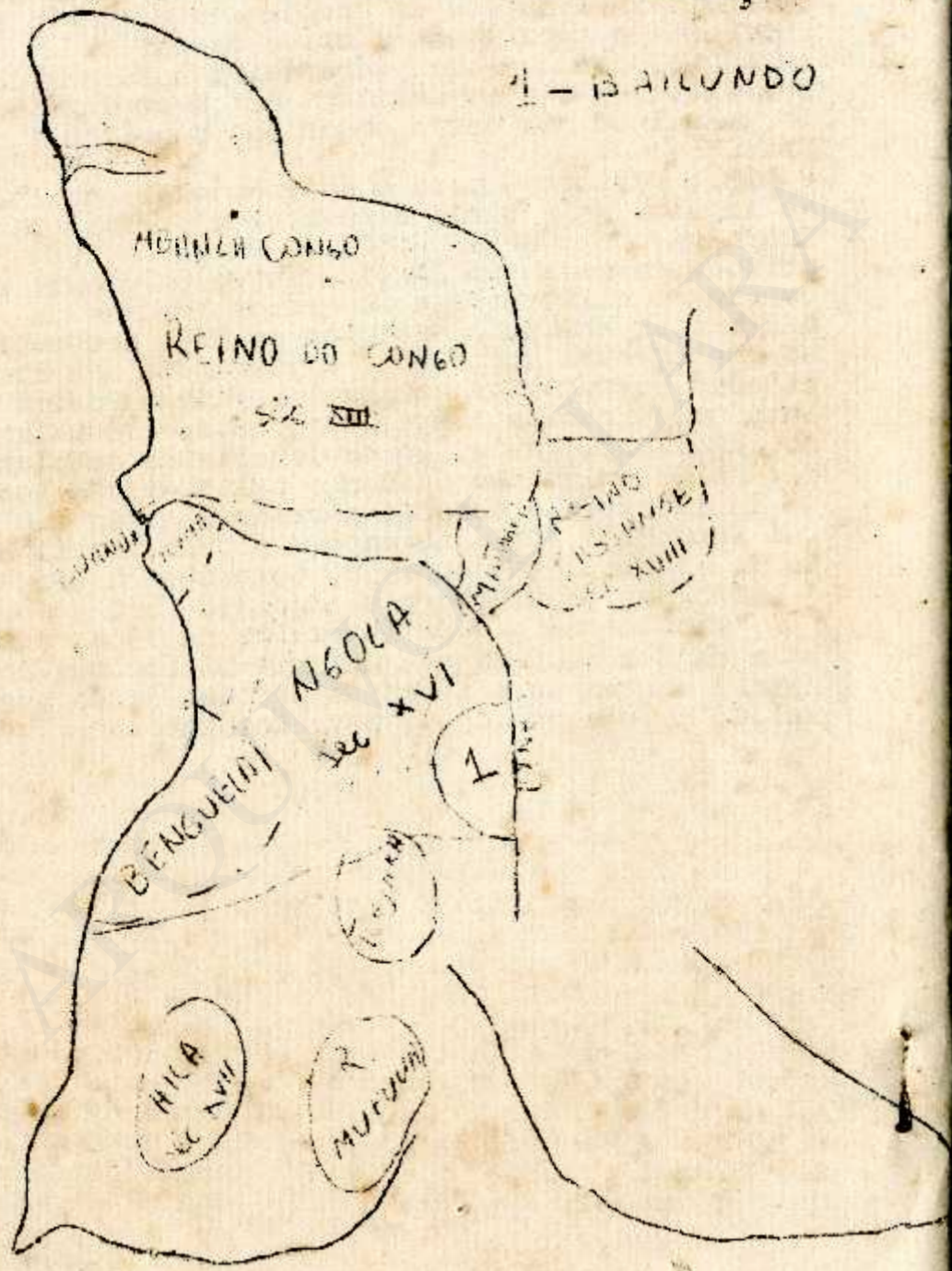
Em 1958 una outra organização política é criada:

O MINA, Movimento para a independência nacional de Angola. Mais tarde esta última organização f funde-se com o MPLA. Em 29 de Março de 1959 prisões em massa em Angola. Entre os presos encontra-se militantes e numero os leaders do MPLA. A organização exterior do MPLA desenvolve una intensa actividade de denuncia das atrocidades portuguesas em Angola. Paralelamente a luta que os nacionalistas angolanos, conduziam no interior do país, os nacionalistas angolanos dos meios emigrados do Congo agitam-se no sentido da libertação das sua pátria. É assim que foi fundada a UPNA (união das populações da norte de Angola), que em 1958, tornou-se a UPA (união das populações de Angola).

Finalmente a 4 de fevereiro de 1964, patriotas angolanos (na sua maioria militantes do MPLA) atacam as prisões de Luanda, dando assim inicio a luta armada do povo Angolano.

REINOS DE ANGOLA NO SÉC XIX

4 - BAILUNDO



MOVIMENTOS DOS POVOS ANGOLOALIOS



ARQUIVO L. LARA